

O país do faz-de-conta

A proliferação de armas de destruição maciça é hoje uma das principais preocupações da Humanidade e é dever dos Estados tudo fazer para que no seu território agentes terroristas não tenham a oportunidade de adquirir materiais e tecnologias perigosas. Para isso têm de aplicar a primeira linha de defesa contra a proliferação de ADM: os Tratados e Convenções internacionais.

Numa chocante demonstração de negligência e irresponsabilidade, sucessivos governos vêm deixando Portugal sem a legislação necessária para a aplicação da Convenção para a Proibição das Armas Químicas. A Convenção exige-a aos Estados-Parte para obrigar as empresas importadoras e utilizadoras de materiais perigosos a declará-los aos governos. Por sua vez, os governos devem compilar esta informação e enviá-la à autoridade internacional que monitoriza a aplicação da Convenção. Trata-se de garantir que todos fazem o «trabalho de casa» contra a proliferação de materiais susceptíveis de serem utilizados na produção de armas químicas.

Portugal ratificou a Convenção em 1996 e desde então produziu ZERO relatórios nacionais. Por outras palavras: não fazemos a menor ideia do que cá se importa, exporta, compra, vende e produz na área dos produtos químicos. Muito do material que aparenta ser inofensivo é de duplo-uso e só com legislação que imponha transparência e controlo se poderá garantir que nada é desviado, manipulado, transferido ou simplesmente adquirido por agentes terroristas. O projecto de lei necessário está adormecido algures entre o Ministério Defesa, o MNE e a PCM, após anos de pareceres. Falta o último e mais simples passo: o agendamento em Conselho de Ministros. E por isso a Autoridade Nacional da Convenção (ANPAQ) não tem

sequer orçamento de funcionamento (estimado em 113 mil euros por ano).

A propósito da falta de seriedade que — mais do que a falta de recursos — marca muitas vezes a política portuguesa, como este triste caso ilustra, dizia-me há tempos um colega diplomata que Portugal «**é o país do faz-de-conta: eu faço de conta que recebo instruções de Lisboa para as reuniões onde represento o país; Portugal faz de conta que cumpre Tratados internacionais, directivas europeias, decisões ministeriais...**». E assim nos vamos amanhã: fazemos de conta que controlamos águas territoriais e aérodromos onde embarcações e avionetas privadas descarregam à vontade droga e toda a espécie de contrabando; a AR faz de conta que investiga o «Eurominas»; a PGR faz de conta que investiga os crimes contra crianças da Casa Pia; o fisco faz de conta que cobra aos que mais deveriam pagar. E um dia destes vamos «descobrir» que autoridades civis e militares faziam de conta que não sabiam o que transportavam aviões americanos a passar para Guantánamo... Entretanto, o primeiro-ministro afadiga-se na Finlândia à procura do segredo do sucesso económico. Que passa por parar de fazer de conta e exigir seriedade e responsabilidade: cumprir compromissos, obrigações e a lei — incluindo a internacional, plasmada nos Tratados a que estamos vinculados.

Anunciam-nos que o combate ao terrorismo passará a ser uma prioridade para a PJ (razões não faltam). Esperemos que não seja ainda a «fazer de conta», porque o combate ao terrorismo e proliferação de ADM implica também a aplicação da Convenção das Armas Químicas. Nesta matéria, a protecção é tão eficaz quanto for resistente o elo mais fraco da cadeia. Enfim, esperemos que a Al-Qaeda não se lembre de vir por cá às compras...



● **Ana Gomes**
Eurodeputada socialista e ex-dirigente do PS com Ferro Rodrigues, nasceu em Lisboa há 52 anos. Diplomata formada em Direito, foi consultora de Mário Soares em Belém e representou Portugal na ONU, Tóquio e Londres. Destacou-se na secção de interesses de Portugal na Indonésia (mais tarde embaixada), pela defesa do povo de Timor-Leste

PALAVRAS DITAS



Ilustração de Cajas para «El Comercio», Quito

MIKHAÏL GORBACHOV,
ex-Presidente soviético

● **Imaginativo**

«Só lamento uma coisa, é não ter mandado Ieltsine plantar limões numa república das bananas». Em muitas entrevistas que deu à imprensa no seu 75º aniversário, o pai da «perestroika» defende a sua obra e pensa ter cometido apenas um erro: permitir o desmantelamento da União Soviética. *Komsomolskaïa Pravda, Moscovo*

RÜDIGER SAFRANSKI,
filósofo e escritor alemão

● **Precoce**

«Fui concebido em Königsberg [Kaliningrado] e fugi antes da chegada dos russos ainda na fase pré-natal, na barriga da minha mãe». Integrando o conselho científico da Fundação do «Centro contra

as expulsões», explica como o destino dos «filhos dos expulsos» marcou a sua vida. *Frankfurter Allgemeine Zeitung, Frankfurt*

WOLFGANG SCHUSSEL,
chanceler austríaco

● **Patriótico**

«Acho que 85 mil euros para felicitar a equipa olímpica austríaca é absolutamente normal». A seis meses das legislativas, o chanceler não compreende porque é que é acusado pelos adversários políticos de querer tirar vantagens pessoais do sucesso olímpico da Áustria, que chegou em terceiro lugar, atrás da Alemanha e dos Estados Unidos. Tinha publicado na imprensa um folheto a dizer «o Governo felicita calorosamente todos os medalhados com as cores vermelho-branco-vermelho». *Die Presse, Viena*

GEORGE W. BUSH,
Presidente dos Estados Unidos

● **Incontrolável**

«Obrigado por terem vindo, rapazes!» exclamou o patrão da Casa Branca quando, no passado dia 6 de Julho, durante a sua sessão de bicicleta, se aproximava dos polícias escoceses que garantiam a segurança da cimeira do G8, em Gleneagles. Largando o guiador para juntar o

gesto à palavra, atropelou um dos polícias que estava a cumprimentar (excerto do relatório da polícia publicado por estes dias pela imprensa escocesa). *The Daily Telegraph, Londres*

CHARLES SAATCHI,
coleccionador de arte britânico

● **Devastador**

«Era horrível!» foi nestes termos que qualificou um prato indiano, camarão com lentilhas, recentemente confeccionado pela mulher, Nigella Lawson, a mais célebre das críticas culinárias além-Mancha. *The Observer, Londres*

FAWZI AL-ODAH,
prisioneiro de Guantánamo

● **Quebrado**

«É melhor morrer do que continuar vivo aqui, sem esperança.» *The Independent, Londres*

ZBIGNIEW RELIGA,
ministro da Saúde polaco

● **Tranquilizador**

«Para o homem, as possibilidades de contrair a gripe das aves são tão grandes como as de ganhar o loto», declarou após a descoberta, na Polónia, das primeiras aves selvagens mortas pela gripe. *Gazeta Wyborcza, Varsóvia*

GENTE D'AMANHÃ

ADORA SVITAK

A vida pela frente



DR

NA família «pequenos prodígios», aí está, portanto, Adora, de oito anos, escritora, poetisa e conferencista. O seu primeiro livro, *Flying Fingers* (Dedos voadores, 296 pági-

nas de ficção e pedagogia, ao estilo «os meus truques para escrever uma história»), foi publicado no ano passado, nos Estados Unidos. Tem igualmente no seu activo 400 novelas, uma centena de poemas — a mãe, que sabe contar tão bem como a filha sabe escrever, pensa que ela já produziu 370 mil palavras. E depois, Adora lê, evidentemente — de tudo: romances, contos, biografias. Terminou agora o *Candide*. «**E como se não bastasse**», sublinha *The Observer*, «**ela quer partilhar o seu amor pelos livros e pela escrita**.» Assim, iniciou uma digressão pelas escolas de Seattle, onde vive. Armada do seu computador e do PowerPoint, conta como aprendeu a escrever e tenta convencer os seus pares do prazer que a leitura proporciona. «**Quando era pequena, pensava que toda agente, em toda a parte, gostava de ler — e é tão divertido! Mas verifiquei que não era o caso**», suspira. Daí o seu boné de missionária, que deverá levá-la, nos próximos meses, ao Reino Unido, onde se encontrará, sem dúvida, com Libby Rees, cujo livro *Help, Hope and Happiness* (Enteajuda, esperança e felicidade) foi escrito para «**incentivar as crianças a escrever**». Mas Libby já é grande. Tem dez anos.

LENITA ALVES DE TOLEDO

Penas e pêlos



DR

JÁ criou quatro filhos, mas ainda não renunciou aos biberões, a maior parte das vezes para alimentar bebés tapir, leopardo ou macacos. Aos 56 anos, esta pequena e enérgica mulher tornou-se a

única pessoa de Manaus (a capital do Estado do Amazonas) a obter uma autorização do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) para criar em casa um refúgio para animais selvagens. Desde há 25 anos, acolhe todos os estropiados da floresta amazónica, que está muito próxima. Estes animais foram arrancados aos traficantes de animais selvagens, a circo, ou encontrados feridos na natureza. Muitas vezes estão mutilados ou doentes. Os vizinhos chamam a Lenita Alves de Toledo «**a mãe de substituição**». Desde 1982, tiveram de aceitar a vizinhança dos animais selvagens mais ou menos barulhentos que vivem em semiliberdade na propriedade de Lenita, em pleno centro da cidade de Manaus. São cerca de 150 animais de penas e pêlo, de quem Lenita Alves de Toledo se sente «**tutora**». A benfeitora até possui uma antena dedicada aos animais domésticos. Teoricamente, não se pode visitar o seu refúgio, mas de vez em quando ela acede a abrir as portas a alguns visitantes. Se estiver interessado... segundo *O Estado de São Paulo*